

**O TWEET COMO UM GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL
MATERIALIZADO NO SUPORTE TWITTER¹⁸⁵**

Ana Claudia Oliveira Azevedo (UESB)

98anaclaudia@gmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira (UESB)

marciahelenad@yahoo.com.br

Dayana Junqueira Ayres (UESB)

dayana.ayres@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é caracterizar o *tweet* como um gênero do discurso que se materializa no suporte virtual *Twitter*. Para isso, baseou-se na teoria enunciativo-discursiva de Bakhtin (2016) a respeito dos gêneros do discurso, constituídos por três elementos principais, a saber, conteúdo temático, estilo e construção composicional. Foram utilizadas, também, as assertivas de Marcuschi (2008), que considera que todo gênero se materializa como texto em um locus físico ou virtual, isto é, em um suporte. Outra base para defender a categorização aqui proposta é o trabalho de Barth e Freitas (2015), no qual as questões de gênero e suporte no *Twitter* também são discutidas. O *corpus* observado neste trabalho é formado por capturas de tela de *tweets* de cunho didático, publicados por perfis diversos na rede social *Twitter*. A análise dos dados mostrou que o *tweet* é um gênero discursivo flexível, com conteúdo temático e estilo variáveis, o que confirma o pressuposto bakhtiniano de que a estabilidade nos gêneros é apenas relativa. Constatou-se, também, que a materialização de textos no gênero *tweet* só é possível por conta de seu suporte, o *Twitter*, que oferece possibilidades diversas de (hiper)textualização.

Palavras-chave:

Suporte. *Twitter*. Gênero *tweet*.

ABSTRACT

The objective of this work is to characterize tweet as a speech genre that is materialized in the virtual support Twitter. To this end, the investigation was based on the enunciative-discursive theory proposed by Bakhtin (2016) regarding the speech genres, composed of three main elements, namely, thematic content, style, and compositional structure. The work also presents assertions made by Marcuschi (2008), who considers that every genre is materialized as text in a physical or virtual locus, that is, in a support. Another base to defend the categorization proposed here is the work by Barth and Freitas (2015), in which the issues of genre and support in Twitter are discussed. The corpus observed in this work is constituted by screenshots of didactic tweets, published by diverse profiles in the social network Twitter. The data analysis showed that tweet is a flexible speech genre, with changeable thematic content

¹⁸⁵ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

and style, which confirms the Bakhtinian assumption that the genres' stability is only relative. It also showed that the materialization of texts in the genre tweet is only possible because of its support, Twitter, that offers different possibilities of hypertextualization.

Keywords:

Support. Twitter. Tweet genre.

1. Introdução

No Brasil, principalmente a partir de 1995, grande atenção tem sido dada às teorias de gênero, devido ao fato de os documentos referenciais nacionais da época, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN –, já fazerem indicação explícita dos gêneros como objetos de ensino, como aponta Rojo (2005). Recentemente, os gêneros do discurso também foram estabelecidos como objetos de ensino pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (BRASIL, 2018), atual documento norteador da educação brasileira, que cita práticas e habilidades que envolvem o uso dessas diferentes formas de comunicação humana.

A noção de gêneros do discurso é utilizada para se referir a qualquer tipo de enunciado, seja ele falado ou escrito. As questões relativas a esse tema têm sido cada vez mais discutidas por estudiosos da Linguística, ainda mais no que se refere aos gêneros advindos das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs. Neste trabalho, abordaremos duas dentre as muitas perspectivas teóricas que abrangem os estudos dos gêneros, a saber, a do teórico russo Bakhtin (2016) e a do linguista brasileiro Marcuschi (2008), que ressalta, ainda, a necessidade de discussão a respeito da categoria de suporte, *locus* físico ou virtual onde os gêneros se materializam em forma de textos.

No presente trabalho, lançamos nosso olhar para os textos de até 280 caracteres publicados na rede social *Twitter*, nomeados de *tweets*, a fim de caracterizar o *tweet* como um gênero do discurso que se materializa no suporte virtual *Twitter*. Observamos, mais especificamente, um *tweet* publicado pelo perfil didático da área de língua inglesa @EFEnglishLiveBR, de modo a analisar seu conteúdo temático, estilo e construção composicional e observar a relação desses elementos com o lugar de materialização desse texto, o *Twitter*.

O artigo está dividido em 4 seções, sendo a primeira delas esta introdução, na qual contextualizamos teoricamente nossa pesquisa e apresentamos nosso objetivo. Na seção 2, a seguir, discutimos, com mais de-

talhes, conceitos teóricos fundamentais para esta investigação, quais sejam, gênero e suporte. Na seção 3, expomos a análise de um *tweet* retirado de um perfil voltado para questões didáticas, a fim de demonstrar que se trata de um gênero discursivo cuja materialização só é possível por conta do suporte *Twitter*. Por fim, na seção 4, realizamos as considerações finais do trabalho.

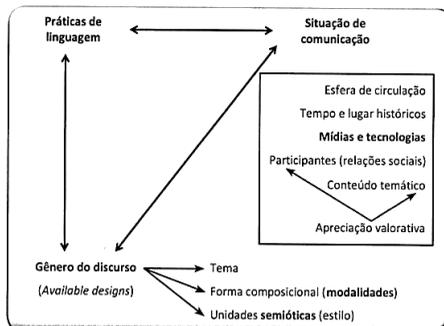
2. Gênero e suporte: conceitos e relações

Neste trabalho, partimos do tratamento dado aos gêneros do discurso em uma concepção sócio-histórica e dialógica, sob a ótica bakhtiniana. Segundo Marcuschi (2008, p. 152), a voz de Bakhtin “representa uma espécie de bom senso teórico em relação à concepção de linguagem”. Nesse sentido, é importante ressaltar que, de acordo com os postulados de Bakhtin (2016, p. 11), “todos os diversos campos de atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”.

Na perspectiva de Bakhtin (2016), para estabelecer comunicação, os sujeitos empregam a língua em forma de enunciados – orais, escritos e, como acrescenta Rojo (2013), multissemióticos. Esses enunciados materializam-se a partir de três pilares: conteúdo (temático), estilo da linguagem e construção composicional. Conforme o teórico, “todos esses três elementos (...) estão indissolivelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação” (BAKHTIN, 2016, p. 12).

É necessário salientar a natureza sócio-histórico-cultural dos gêneros e, por isso mesmo, a sua heterogeneidade. Assim, paralelo ao surgimento de novos ambientes de interação, proporcionado pelas TDICs, emergiram os chamados gêneros discursivos digitais. Esses gêneros, com suas especificidades e inovações, segundo Rojo (2013), lançam desafios à teoria de gêneros do discurso de Bakhtin, de modo que a tríade bakhtiniana passa a ser integrada por formas composicionais multimodais e estilos semióticos diversificados, como mostra o esquema a seguir:

Figura 1: Elementos da teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos.



Fonte: Rojo (2013, p. 30).

Trataremos, agora, das três dimensões indissociáveis dos gêneros do discurso. Em primeiro lugar, abordamos o **estilo**, que consiste nas escolhas linguísticas, fraseológicas e semióticas (ROJO, 2013) feitas pelo falante. Segundo Bakhtin (2016, p.17), “todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”. Além disso, todo e qualquer enunciado pode ser considerado individual quando reflete as vontades particulares do emissor; no entanto, isso nem sempre ocorre, tendo em vista que há gêneros que não são propícios a tal reflexo de individualidade. É o caso dos gêneros do discurso que exigem uma forma padronizada, tais como os documentos oficiais e de ordem militar (BAKHTIN, 2016).

De acordo com Bakhtin (2016), em cada campo da atividade humana, são empregados gêneros que correspondem às suas condições específicas; portanto, a seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua determina não apenas o estilo, mas também o conteúdo temático e a construção composicional dos enunciados. O **conteúdo temático** corresponde aos temas ideologicamente conformados, isto é, às apreciações valorativas do enunciador a respeito de determinados elementos semântico-objetais, que se tornam dizíveis através dos gêneros (ROJO, 2005).

Aconstrução composicional, por sua vez, diz respeito às estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos que pertencem a determinado gênero. Assim, esse elemento refere-se à estrutura, ou seja, à “organização e o acabamento de todo o enunciado, do texto como um todo” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 94), que torna o gênero visualmente reconhecível em determinados contextos socio-histórico-culturais.

Um autor que dialoga com as assertivas bakhtinianas é o linguista brasileiro Luiz Antônio Marcuschi (2008). Segundo esse autor, cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação¹⁸⁶. Assim, embora o autor admita que todos os gêneros assumem uma forma, um estilo e um conteúdo, ele ratifica que é a função do gênero que o determina, e não a sua forma. Essa afirmação dialoga com a discussão feita por Bakhtin (2016, p. 18), que comenta que uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

De acordo com Marcuschi (2008), os gêneros, em virtude da sua funcionalidade, materializam-se em textos; por isso, necessitam de um lugar para sua concretização. A partir disso, o linguista apresenta o conceito de suporte, que seria “(...) um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). O suporte, segundo Marcuschi (2008), tem uma relação muito próxima com os gêneros que materializa, o que faz com que consideremos que as TDICs não geram apenas novos gêneros, mas também novos suportes.

Com base nisso, na seção a seguir, apresentamos a caracterização do *tweet* como um gênero do discurso, fundamentada nos pressupostos bakhtinianos, e a definição do *Twitter* como um suporte para esse gênero, a partir das considerações de Marcuschi (2008). Salientamos que, apesar de Freitas e Barth (2015) já terem realizado um trabalho que faz essa classificação, o *Twitter* passou por algumas atualizações, como o aumento do limite de caracteres – de 140 para 280 –, que tornam necessário um estudo mais atualizado do *tweet*, tendo em vista que alterações no suporte têm consequências no gênero.

3. Resultados e discussão: o *tweet* como um gênero materializado no suporte *Twitter*

Nesta seção, apresentamos a análise de estilo, conteúdo temático e construção composicional de um *tweet* publicado pelo perfil didático

¹⁸⁶ O termo “esfera”, presente nas traduções da obra bakhtiniana anteriores a 2003, é chamado, nas traduções mais recentes, de “campo”. Portanto, neste trabalho, usamos ambas as expressões como sinônimas.

@EFEnglishLiveBR¹⁸⁷ – voltado para a divulgação de seu curso on-line por meio de publicações a respeito da língua inglesa –, a fim de demonstrar que o *tweet* é um gênero do discurso materializado no suporte *Twitter*. Vejamos, a seguir, o *tweet* investigado:

Figura 2: *Tweet* do perfil @EFEnglishLiveBR.



Fonte: *Twitter*¹⁸⁸

O *tweet* da figura 2, publicado no dia 17 de agosto de 2020, apresenta uma proposta de desafio de inglês que consiste em ordenar as palavras “She TV show to favorite her watch everynight likes”, a fim de chegar ao resultado “She likes to watch her favorite TV show everynight¹⁸⁹”.

O *tweet* em questão é constituído por três elementos principais: 1) as palavras, 2) uma *hashtag* e 3) um *link* que contém um GIF publicado no *site giphy.com*. Portanto, o **estilo** do *tweet* é constituído pela escolha de palavras, incluindo um termo coloquial (“e aí”), de uma *hashtag* e de um *link* – cujo GIF, apesar de ter sido publicado em outra plataforma, pode ser assistido pelo próprio *Twitter* –, o que comprova o postulado de Rojo (2013) de que, nos gêneros das novas mídias e tecnologias, o estilo

¹⁸⁷ O *tweet* aqui analisado é parte do *corpus* da pesquisa de mestrado intitulada de “O gênero *tweet* com propósito didático: a (hiper)textualização de objetos de ensino”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado da Bahia (Fapesb).

¹⁸⁸ Disponível em: <https://twitter.com/EFEnglishLiveBR/status/1295480523473608704>. Acesso em: 5 mar. 2021.

¹⁸⁹ Em tradução livre: “Ela gosta de assistir seu programa de TV favorito toda noite.”.

é um elemento multissemiótico. É importante salientar que o uso dessas unidades só é possível porque o suporte *Twitter* oferece as opções de adicionar *hashtags*, *links* – mostrando uma prévia de seu conteúdo –, GIFs, imagens, vídeos, entre outras possibilidades. A seguir, discutimos, com mais detalhes, cada um dos componentes do estilo do *tweet* da figura 2.

A escolha linguística da expressão coloquial tem, provavelmente, a função de aproximar o leitor do texto, a fim de chamar sua atenção para a participação no desafio de inglês, destacado pela *hashtag*. Esta, por sua vez, funciona como um direcionador para outros lugares da rede social *Twitter*, visto que, ao clicar no *link* gerado automaticamente na *hashtag*, é possível ter acesso a outros *tweets* que contêm a mesma palavra-chave e, assim, acessar outros desafios de inglês. O *link* com o GIF, que também faz parte do estilo do *tweet*, dialoga com o desafio proposto na *hashtag*, uma vez que a frase dita pela garota do GIF (personagem da série *Shameless*), “*who’s ready for TV, guys?*”¹⁹⁰, está relacionada à frase que deveria ser ordenada, pois ambas dizem respeito a televisão.

Nesse sentido, observamos que o **conteúdo temático** do gênero *tweet*, que motiva as escolhas estilísticas e composicionais do enunciado, é baseado nas particularidades do usuário que o publica. Ou seja, por se tratar um perfil de curso de inglês, os *tweets* de @EnglishLiveBR são voltados para elementos semântico-objetais dessa área, de modo que a interação com seus seguidores tem como principal assunto a língua inglesa. Assim, no *tweet* da figura 2, o usuário propõe uma atividade (um #desafiodeinglês) de ordenação de palavras e utiliza um recurso multissemiótico – o *link* com o GIF, cuja legenda está em inglês – associado a essa proposta.

Em relação à **construção composicional** do *tweet*, destacamos que o limite de 280 caracteres é decisivo para a extensão curta do enunciado, não sendo possível, por exemplo, adicionar muitas palavras para serem ordenadas ou fazer uma longa explicação sobre o desafio. O fato de o *tweet* ser constituído pelas palavras (incluindo a *hashtag*) e pelo *link* demonstra que os pilares de construção composicional e estilo estão interligados, visto que, a depender do estilo individual, determinados elementos multissemióticos aparecem ou não na composição do enunciado.

Além disso, a estrutura do gênero *tweet* também é caracterizada por aspectos fixos, a saber, a foto de perfil, o apelido do usuário e o *user* introduzido pelo símbolo @ – acima do corpo do *tweet* –, além do horá-

¹⁹⁰ Em tradução livre: “Quem está pronto para a TV, pessoal?”.

rio, data e sistema/dispositivo de publicação, seguidos pelos botões de interação — na parte inferior do *tweet*. Esses elementos são estabelecidos pelo suporte *Twitter*, o que mostra que uma parte da construção composicional do gênero *tweet* depende do estilo do usuário e a outra parte já é pré-determinada pelo suporte.

A partir dessa análise, constatamos, com base nas considerações de Bakhtin (2016), que os três pilares do gênero estão interconectados, uma vez que o conteúdo temático dos *tweets* determina o seu estilo e construção composicional. Comprovamos, ainda, que o *Twitter* funciona como um suporte para a materialização de textos nesse gênero, uma vez que serve como um lugar virtual de fixação do *tweet* e tem um formato específico. Salientamos que esse suporte estabelece uma relação muito próxima com o gênero, de modo que o *tweet* só pode ser construído no suporte *Twitter*. Acrescentamos, também, que o acesso do *tweet* em seu suporte original possibilita ações como clicar em *links*, acessar perfis, responder, *retweetar* e curtir *tweets*, entre outras opções de interação e navegação.

4. Considerações finais

A análise do *tweet* mostrou que há uma estabilidade relativa no estilo, conteúdo temático e construção composicional desse enunciado, o que o caracteriza como um gênero discursivo digital flexível, visto que há espaço para a manifestação da individualidade de quem o produz. Além disso, concluímos que as diversas possibilidades multissemióticas de materialização do gênero *tweet* são proporcionadas por seu suporte, o *Twitter*, com o qual ele mantém uma relação de interdependência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 12 mar. 2020.

FREITAS, Ernani César; BARTH, Pedro Afonso. Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros no *Twitter*. *Revista (Con)Textos Linguísticos*,

v. 9, n. 12, p. 8-26, Vitória, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/8888>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ROJO, Roxane. Gêneros dos discursos e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, Luiz José; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ____ (Org.). *Escol@Conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36

_____; BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.